
Redação

INSTRUÇÕES:

- Escreva sua Redação, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Será atribuída pontuação ZERO à Redação que
 - não se atenha ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível;
 - esteja escrita em verso.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Resposta;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Leia os textos a seguir, que servirão de base para a sua Redação.

I.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o Mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
10 - Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

5 - Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía*.

CAMÕES, Luís de. In: PASSONI, Célia A. N. (Org.). **Sonetos de Camões**. São Paulo: Núcleo, 1991. p. 23. (Coleção Núcleo).

* "soía" (v.14) — (v. soer) costumava, era comum, ocorria com frequência.

II.

(...)Corriam os anos 60 e um novo estilo de mobilização e contestação social, bastante diferente da prática política da esquerda tradicional, firmava-se cada vez com maior força, pegando a crítica e o próprio Sistema de surpresa e transformando a juventude, enquanto grupo, num novo foco de contestação radical. O que estava acontecendo? Falava-se no surgimento de uma nova consciência, de uma nova era, enfim, de novos tempos. Era uma revolução em curso? Estava-se presenciando o surgimento de uma nova utopia? Aos poucos, os meios de comunicação de massa começavam a veicular um termo novo: contracultura. Inicialmente, o fenômeno é caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos, roupas coloridas, misticismo, um tipo de música, drogas e assim por diante. (...) Rapidamente, no entanto, começa a ficar mais claro que aquele conjunto de manifestações culturais novas não se limitava a estas marcas superficiais. Ao contrário, significava também novas maneiras de pensar, modos diferentes de encarar e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Enfim, um outro universo de significados e valores, com suas regras próprias.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 7-8.

III.

É possível identificar elementos comuns nos comportamentos dos adolescentes, passíveis de generalização, uma vez que se repetem independentemente da época e do tipo de sociedade.

"Não mudou nada. Os coroas agora implicam porque a gente corta e pinta os cabelos assim e assado, mas a mesma macaquice havia na época deles, com Elvis Presley, brilhantina e coisa e tal. (...) Eles também usavam calça jeans, só que chamavam calça americana. A diferença é que, em vez dos camisolões coloridos, usavam camisas banlon. E no lugar do tênis e da sandália havaiana, calçavam mocassins."

(Depoimento de um adolescente)

"No meu contato com jovens de culturas diferentes, pude perceber continuidades nítidas entre eles. Convivi com russos, dinamarqueses, finlandeses, peruanos, haitianos, etc., pois morei em Moscou e em outros países, tais como a França. O fato de morar e falar a língua local, permitiu uma convivência mais profunda.

As idéias, a vontade de lutar e de trilhar novos caminhos, construir uma sociedade melhor, eram comuns a todos eles. Embora com suas singularidades, a tortura da cabeça do cara, o confronto de gerações, tinham semelhanças. E estas são maiores do que as diferenças.

Se você anda no metrô, é incapaz de saber o que está pensando um eslavo, por exemplo. A cultura e a língua geram comportamentos diversos. Mas se você começa a conversar ou vive no núcleo familiar, constata que a estrutura de sentimentos é a mesma."

(José Sales: escritor)

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. **Quem tem medo da geração shopping?** Uma abordagem psicossocial. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia: EDUFBA, 1999. p. 18-9.

A partir da leitura dos textos apresentados e dos pontos de vista ou reflexões neles contidos, produza um texto argumentativo que discuta criticamente **a questão das mudanças pessoais e históricas, sem perder de vista o conjunto de valores, os hábitos e os costumes que regulam o mundo do adulto e o mundo do jovem.**

RASCUNHO

RASCUNHO

Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, observe a numeração das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Questão 01 (Valor: 20 pontos)



(*Outdoor* referente à campanha publicitária da Clínica de Ortopedia e Traumatologia (COT), exposto na cidade de Salvador.)

Faça uma análise do *outdoor*, considerando

- a campanha publicitária em função da atividade do anunciante;
- o aparente paradoxo da mensagem passada ao público-alvo;
- a responsabilidade social da Empresa, implícita no texto verbal.

Questão 02 (Valor: 20 pontos)

A questão da chamada norma (ou língua) padrão voltou a ter certa proeminência nos meios de comunicação social nos últimos anos no Brasil, acompanhando a reentrada em cena do velho discurso de que a língua portuguesa vai (muito) mal no país. (...)

5 - (...) a parcela da população que mais direta e intensamente lida com a cultura escrita tem também uma norma peculiar, isto é, aqueles fenômenos de língua que caracterizam o uso desse grupo social, seja em situações formais de fala, seja na escrita.

10 - Para designar os fatos de língua que este grupo social mais diretamente afeito às atividades de escrita usa correntemente em situações formais de fala e na escrita, costumamos, então, usar a expressão *norma culta*, expressão que, como veremos adiante, não se confunde com norma-padrão.

Há na designação *norma culta* um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo "culto", por exemplo, tomado em sentido absoluto pode sugerir que esta norma se opõe a normas "incultas", que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. (...)

15 - Contudo, não há grupo humano sem cultura, como bem demonstram os estudos antropológicos. Por isso, é preciso trabalhar criticamente o sentido qualificativo *culta*, apontando seu efetivo limite: ele diz respeito especificamente a uma certa dimensão de cultura, isto é, à cultura escrita.

20 - Mas a questão das normas não se encerra aqui. A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa à relativa estabilização lingüística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de *norma-padrão* ou *língua-padrão*. (...)

25 - Embora o padrão não se confunda com a norma culta, está mais próximo dela do que das demais normas, porque os codificadores e os que assumem o papel de seus guardiões e cultores saem dos extratos sociais usuários da norma culta. Se esse é um fator de aproximação, é também um fator de tensão, porque o inexorável movimento histórico da norma culta tende a criar um fosso entre ela e o padrão, ficando este padrão cada vez mais artificial e anacrônico, se não houver mecanismos socioculturais para realizar os necessários ajustes.

30 - O caso brasileiro é particularmente exemplar nesse sentido, em especial porque o padrão foi construído, na origem, de forma excessivamente artificial. A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta brasileira de então como referência. Bem ao contrário: a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão um certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do Romantismo (cf. Pagotto, 1998; Faraco, 2002). O modelo não foi, portanto, a língua de Portugal, como muitos pensam, imaginando uma homogeneidade que, de fato, não existe, já que o português de lá é, como qualquer língua, um emaranhado de variedades.

35 - Por trás dessa atitude excessivamente conservadora, além de uma herança da pesada tradição normativa dos países de línguas latinas, está o desejo daquela elite de viver num país branco e europeu, o que a fazia lamentar o caráter multirracial e mestiço do nosso país (aspirando, de modo explícito até a década de 1930, a um "embranquecimento da raça"); e, no caso da língua, a fazia reagir sistematicamente contra tudo aquilo que nos diferenciava de um certo padrão lingüístico lusitano.

40 - FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37- 43.

A partir da leitura do texto, comente os conceitos de *norma culta* e *norma padrão* discutidos pelo autor, explicando, inclusive, as origens do padrão brasileiro.

Questão 03 (Valor: 15 pontos)

Naná continua dizendo-me que tentara conversar com Heloísa sobre o assunto, mas que dela veio apenas um silêncio que indicava reprovação por estar intrometendo o nariz onde não era chamada.

Disse-lhe, em favor de Heloísa, que o orgulho da minha mulher explicava muita coisa, aludindo ao fato de que ela passava por uma fase difícil de auto-afirmação. Nesta, era mais importante guardar uma máscara de força, segurança e auto-suficiência, do que deixar com que o outro entrisse o sangue e os destroços do desastre recente.

— Eu sei disso. O que me incomoda é que ela não saiba distinguir uma amiga de uma pessoa a quem se procura com o único intuito de conseguir algo.

— Tudo é hoje uma luta para ela. E, na luta, mesmo o aliado pode ser um espião. Não é agradável para mim dizer essas coisas, mas é a verdade. Tento aclarar a situação dela para você. Ela acorda já com uma carabina debaixo do braço. Todo dia é dia de caça.

— Quando eu abri a minha casa para vocês, não me rendia às armas da guerra, mas às da amizade. Guerra é guerra, eu sei. Solidão é solidão, dor é dor, também sei. Mas guerra, dor e solidão não existem em si e nem como fim. Existem como estágio a ser ultrapassado. Na guerra, procura-se a paz; na solidão, a companhia; na dor, a alegria.

— O horizonte para Heloísa é ainda negro demais para que possa dar-se conta de que é lá que nasce o sol.

— Você está dizendo que ela não vislumbra o menor traço de esperança no futuro?

— Creio que não exagero.

— Tem a vida mais miserável do que pensava.

SANTIAGO, Silvano. **Em liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 108.

Com base na leitura do romance *Em liberdade*, de Silviano Santiago, faça um comentário sobre o diálogo transcrito, contextualizando-o na obra.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

O ar efeminado de Hermenegildo podia enganar todos, menos o irmão. Nem a mim, pois os dois sabíamos, Ambrósio e eu, que na barriga de Dolores crescia um filho dele. Dolores era uma escrava que coxeava, por ter uma perna dez centímetros mais curta que a outra, e ganhou esse nome porque, no tempo dos portugueses, habitava a cidade uma espanhola que caminhava da mesma maneira e se chamava Dolores. (...)

.....
— Pai, fui eu que engravidei a Dolores.

O meu dono permaneceu de boca aberta, meio atordoado. Depois lançou uma gargalhada como eu não ouvia há muito tempo.

— Tu?

Hermenegildo recuperou as cores, quando ouviu o pai dar a gargalhada. Temia um acesso de fúria. Pelos vistos Ambrósio tinha razão quando lhe dizia que Baltazar até gostaria de saber a verdade.

— Fui eu, sim, pai. Desculpe.

O meu dono saltou da rede. Olhou de frente o filho, talvez pela primeira vez há muitos anos. E lhe deu um abraço apertado.

— Gosto muito de saber que me deste um neto. E esta, hein? Não contava mesmo nada. Catarina! Catarina! Traz a garrafa de cachaça, vamos comemorar.

Aos gritos dele veio a mulher e Matilde. Em seguida, Catarina com a garrafa e cálices. E Rosário e Ana. O feliz avô pediu a Nicolau, já agora diz à Dolores para trazer a criança, temos de combinar o baptizado. Hermenegildo estava encabulado por causa da algazarra alegre que o pai fazia. O meu dono ganhava não só um neto, mas um filho macho. (...)

Rosário aproveitou ir contar a Thor o motivo de tanto reboliço. E ficaram a apanhar um ramo de margaridas e girassóis. As mãos se tocavam ao juntarem as flores, eu bem via as faíscas que saltavam da mão dela para a dele e vice-versa, como acontece com as nuvens carregadas de chuva, à noite.(...)

Os três regressaram imediatamente à senzala, me dando espaço para aproximar da borda da lagoa. Apanhei o colar de unhas de leão, seria útil um dia por causa das feras que vinham beber à noite na lagoa. E então eu vi. O sangue de Thor, boiando à superfície, se transformava em folhas redondas de nenúfares e delas cresciam hastes com flores brancas. Flores brancas como as dos jarros e que exalavam um perfume muito forte. Com um pau consegui puxar uma folha de nenúfar e colhi uma flor. Para oferecer a Rosário. Flor que ela guardaria para sempre.

PEPETELA. **A gloriosa família:** o tempo dos flamengos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.208; 238-9; 247.

Através do que se revela nos fragmentos acima e do que se narra sobre a família Van Dum no contexto da obra, analise o comportamento do cidadão Baltazar, como homem e como pai, em face do contexto histórico e do relacionamento Hermenegildo / Dolores e Rosário / Thor.

Questão 05 (Valor: 10 pontos)

Fabiano marchava teso.

- Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada.
- 5 - Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se

-
- às paredes, meio encadeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.
- 10 - Chegaram à igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a incomodava era aquele cheiro de fumaça.
- 15 - Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 73-4.

As personagens vivenciam uma situação estranha, se comparada com a do seu mundo de origem.

Explique como se processa o estranhamento à nova realidade e comprove o seu ponto de vista com exemplos do texto.

Questão 06 (Valor: 20 pontos)

Cena 01:

- Ciro : – Dona, aceitei seu convite.
- Darlene: – Fez bem, vá entrando.
- Ciro: – Boa tarde, senhor. Trabalho com sua esposa na lavoura.
- Darlene: – É que o rapaz acabou de chegar e não tem pouso certo, então chamei ele para merendar mais nós.
- Zezinho: – Acontece da casa já ter muita gente, mais boca pra comer do que panela pra encher.
- Ciro: – O senhor me desculpe, foi sua esposa que ofereceu e eu por mim mesmo não gosto de incomodar ninguém.
- Zezinho: – Mas acontece da minha esposa ter o coração maior do que as posses.
- Osias: – Como é que é, Zezinho?
- Zezinho: – Tava explicando pro moço... Ele é de fora, tá sem pouso... tava explicando que já tem muita gente.
- Ciro: – Então tá certo, o senhor me desculpe e a senhora também.
- Osias: – Tá explicando errado. A casa é minha e a mulher também e o moço fica.

Cena 02:

- Zezinho: – Eu já tinha até me esquecido... Só me lembrava de tu no meu braço, em sonho...
- Darlene: – Assim Zezinho... Zezinho assim, oh! Muito manso... eu queria que tu pedisse a Osias pra fazer um puxadinho, um quartinho pro Ciro. É que ele quer ir embora, Ciro quer ir embora.
- Zezinho: – Ele já vai é tarde, não devia ter vindo.
- Darlene: – Mas, ele quer me levar mais ele.
- Zezinho: – Levar nada, ele que tente.
- Darlene: – Zezinho, é que eu tô esperando um menino... E é dele. Ele não sabe, eu não contei ainda. Eu não queria não... Eu não pensava ter mais menino nessa vida. Isso até parece um castigo.
- Zezinho: – É... Como é que tu sabe que é dele?
- Darlene: – Hein!
- Zezinho: – Meu é que não é, né mesmo?
- Darlene: – Mas tu tem o teu, não tem? Eu não lhe dei um menino? Hein?

Eu tu eles. Direção: Andrucha Waddington. Intérpretes: Regina Casé; Lima Duarte; Stênio Garcia; Luis Carlos Vasconcelos e outros. Rio de Janeiro: Sony Corporation of América, Culver City – Columbia TriStar Comércio Internacional. 2000.

O texto reproduz uma situação do filme *Eu tu eles*, em que a infidelidade é motivo de tensões e conflitos. No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, as relações fidelidade / infidelidade são, também, tematizadas.

Analise os diferentes modos de sentir e pensar a realidade, a partir dos diálogos e da leitura do romance *Dom Casmurro*.